

Vilma Laudelino de Souza

The book cover features a dramatic, high-contrast illustration. A large, dark, silhouetted figure, possibly a person or a creature, is shown in a dynamic, almost dancing pose against a background of intense orange and yellow flames or fire. The overall mood is one of mystery and intensity.

Das
TREVAS
PARA A
LUZ

ESCAVANDO O ABISMO

ESCALANDO O ABISMO

por Vilma Laudelino de Souza

I

30 de setembro de 1969. Eram 23:30 aproximadamente quando terminei de escrever o último bilhete para as pessoas que mais estimava. Aquela seria a minha última noite; ao amanhecer, eu saltaria de um viaduto, sobre a via férrea, no momento em que o trem se aproximasse. Acertei o despertador e recostei-me na cama, mas estava muito deprimida e não queria dormir; precisava fazer uma retrospectiva de minha vida.

Aos vinte e dois anos, sentia-me como se fosse uma anciã. Já não tinha razão para seguir. Vivi tanto e tantas experiências amargas... Com 15 anos de idade, tentei o suicídio tomando comprimidos. Anos depois, cortei os pulsos, mas a morte não veio. Devido à minha maldade, até ela parecia me rejeitar. Desta vez, porém, não haveria jeito.

Meu coração amargurado questionava-se: “Para que serve a vida? Será que o homem nasce apenas para morrer? Ou após a morte ele voltaria em outras reencarnações e com características diferentes? Mas se não vale a pena viver o dia seguinte, para que voltar?... Somente para sofrer a fazer sofrer?”

Vida, existência... Como eram amargas para mim estas palavras. Vazias. Comecei a recordar o decorrer de minha vida. Cedo conheci o lado mal do mundo. Era fruto de um lar onde meus pais lutavam com dificuldades para alimentar seis filhos. Amor? Não havia tempo. Minha irmã cuidava dos irmãos como podia, enquanto minha mãe trabalhava, lavando roupas para várias famílias, semana após semana. Vivíamos num bairro rico da cidade do Rio de Janeiro, mas morávamos num parque proletário. A luta contra os fatores negativos era constante. Desnível social, racial e cultural causavam atritos entre nós e as outras crianças, na maioria filhos de homens com grande influência na sociedade. Estudei catecismo e aprendi algo sobre Deus. Mas Ele estava muito distante de minha realidade. Ensinaaram-me que Deus castigava os maus e ajudava os bons. Com minha mente infantil tentava entender, ao mesmo tempo que me comparava com minhas amigas: elas tinham cabelos lisos, pelo clara, moravam em casas luxuosas e eram amadas por seus pais. Contribuíam sempre com donativos para as festividades religiosas no bairro e davam esmolas com frequência. Nós

não tínhamos como fazê-lo. Ao contrário, muitas vezes minha família era beneficiada com a ajuda resultante destas festas.

Achava que os privilégios das outras meninas eram resultado de suas bondades e generosidades para com a comunidade. Logo concluí que Deus não me ajudava porque eu não era caridosa como elas. Por isso, não quis mais saber dele. Fui para casa cheia de interrogações e lá perguntei ao meu pai quem era Deus. Ele, irritado, me respondeu: - Deus é dinheiro no bolso. Você que não trabalhe pra ver se Deus lhe dá alguma coisa – meu pai era ateu, mas naquele instante eu esperava uma resposta que neutralizasse meu pensamento acerca de Deus. Porém, sua dura afirmação me fez crer que Deus realmente não existia. Se existisse com certeza não queria saber de mim, uma negra pobre.

O tempo foi passando e tornei-me uma pessoa amarga e solitária. A vida acentuava agora seus desníveis. Meu pai ficou desempregado e conheci a fome. Saía pelas ruas pedindo esmolas e aprendi também a roubar para comer. Minha família sofreu algumas doenças que nos obrigaram a ficar isolados. Isto agravou ainda mais a situação. A amargura continuou a tomar corpo dentro de mim. Queria entender o porquê de tantas desgraças. O temor noturno e pesadelos me dominavam quase todas as noites. Ouvia ruídos, passos e vozes de pessoas que haviam morrido há algum tempo. Objetos passavam voando; sentia puxões nos cabelos quando estava deitada; as cobertas eram arrancadas de cima de mim; meu corpo era suspenso da cama e atirado ao chão, quando no meio da noite sentia minha cama balançando violentamente. Eu contava estas inquietações para minha mãe, que ouvia tudo arrepiada e de olhos arregalados, mas ao mesmo tempo não dava muito crédito aos meus relatos.

Certa noite, com aproximadamente quatro anos, vi quando minha mãe foi levada para o pronto socorro passando mal. Tentando me consolar, minha irmã disse que ela voltaria logo. Acreditando nela, fiquei acordada, com os olhos fixos na porta, esperando a volta de mamãe. De repente a porta abriu e vi quando ela entrou. Eu disse: - Mãe, que bom que você voltou – ao estender minhas mãos para tocá-la, senti seu corpo gelado e pegajoso. Logo falei: - Mamãe, você não é você. Aquela figura foi se inclinando sobre mim e invadiu meu corpo já enrijecido. Perdi os sentidos.

Na manhã seguinte acordei com uma sensação estranha. Porém não me recordava bem de tudo. Ao perguntar por mamãe, minha irmã

mentiu outra vez. Fui para o quintal e encontrei o cachorro dali, um policial preto. Subitamente, ele me falou:

- Sua mãe está no hospital.

Voltei correndo para minha irmã:

- Mamãe está no hospital?

Ela ficou perplexa e perguntou:

- Como você soube? – um tanto confusa, respondi que o cachorro havia me contado. Ela ficou impressionada e não podia acreditar. Mas ninguém havia estado comigo naqueles poucos minutos (coisas estranhas como esta começaram a acontecer com certa frequência. Às vezes saía com minhas bonecas para o quintal e elas dançavam e gargalhavam. Eu jogava-as longe e elas voltavam gritando. Tais fatos me marcaram muito porque assim começou a minha difícil trajetória). Minha mãe permaneceu internada alguns dias, em consequência de um aborto hemorrágico. Logo que ficou restabelecida levou-me a uma benzedeira, a qual recomendou que eu fosse levada a um terreiro, porque era “médium de berço”. Mamãe confirmou isso, contando que minha avó, uma feiticeira descendente de angolanos, havia sido sua parteira. Nasci logo após o estrondo de um trovão e vovó entendeu que aquilo era um sinal das entidades avisando que eu deveria sucedê-la. Então ela me levantou e me consagrou aos orixás.

Assim, com sete anos fui levada por minha mãe para ser “iniciada” na umbanda. Tínhamos esperança de que esta atitude amenizaria as forças das entidades que dominavam meu corpo frágil e acalmaria os pesadelos noturnos e manifestações sobrenaturais que me perturbavam. Gastamos anos em uma peregrinação pelo Rio de Janeiro para conhecer seitas espíritas. Passei a participar dos “trabalhos” assiduamente e durante algum tempo meu desenvolvimento neles diminuiu o forte domínio daquelas forças sobre mim. Porém, à medida que o tempo passou, tudo retornou e com mais intensidade. Algumas vezes era arrancada de meu próprio corpo e levada a cemitérios em meio à noite, caminhando entre as sepulturas, seguida por vultos negros que tinham os olhos como brasas acesas. Em outras ocasiões via-me em regiões desérticas sendo perseguida por estes mesmos vultos; ou então via-me em meio a um cortejo fúnebre, onde os vultos macabros levavam um caixão aberto, do que me aproximava sorratamente para olhar quem estava dentro e, horrorizada, via meu próprio cadáver.

As coisas se agravaram a tal ponto que ao aproximar-se a noite, um desânimo tomava conta de mim. “Daqui a pouco vai começar tudo de novo”, pensava. Muitas vezes tentava gritar por socorro, mas a voz não saía. Via que pessoas reais como meus irmãos estavam por perto, tentava mover-me, mas uma força incrível me prendia na cama. Queria pedir-lhes que me tocassem e não deixassem que eu dormisse já que o sono me levava a experiências macabras: via-me dentro de um túmulo, coberta de vermes ou parecia estar sendo picada por milhões de formigas; caindo em um abismo sem fim ou viajando em um trem onde era a única passageira; lutava contra um homem enorme todo de negro, que tentava me matar e como eu não tinha forças contra ele dava-lhe mordidas, mas com isso seu corpo enchia minha boca; tentava cuspir, porém era inútil; então percebia que aquela carne pregada em minha boca era de um cadáver.

Quando tinha treze anos alguém garantiu à minha mãe que a solução era o candomblé. Seguindo aquela orientação, fomos a um terreiro situado no alto de um monte. Ao chegarmos lá o babalorixá (líder espiritual do terreiro) estava de costas. Pressentindo a minha presença, voltou-se assustado e fez um gesto de reverência em minha direção. Perdi os sentidos e só recuperei a lucidez na manhã seguinte. Minha mãe, preocupada, perguntou:

- Você não está sentindo nada?

- Não, por quê?

- Porque as entidades que entraram em você beberam dois litros de aguardente e fumaram vários charutos.

Depois de passar a ser dominada por estes “novos” espíritos, a deformação de meu caráter tornou-se notória. O candomblé trabalha com todos os poderes da mente e me aprofundei nele. Durante anos os espíritos lutaram pelo controle de minha personalidade. Mesmo assim prossegui, porque na verdade buscava uma paz verdadeira e duradoura. Entretanto, encontrei prazeres que me levaram a envolvimento com vícios e satisfações carnis. Entrei em um processo acelerado de degradação moral. Tornei-me mais rebelde, introvertida e passei a ser a garota de um grande bandido. Fiquei difamada ao ponto de meus pais amaldiçoarem o dia em que nasci, dizendo: - Como pudemos gerar uma pessoa de sua espécie? - meus irmãos pediam que eu não dissesse que éramos da mesma família. Tudo isto me fazia ainda mais rebelde.

Aos vinte e um anos me casei com alguém tão perverso como eu e a “união” durou apenas cinco meses. Estava gerando um criança e a ofereci a Iemanjá, que dizia ser minha protetora. Nesta altura o candomblé já não me bastava. Minha vida estava ameaçada, em função do que tinha feito até então, e, portanto, precisava de uma proteção mais forte. Então surgiu nova orientação: “Ali, em tal lugar, tem uma pessoa que é a única solução para você”. Eu fui, disposta a achar esta solução e acreditando que a acharia.

II

Sexta-feira, meia noite, luzes apagadas e todos de roupas negras. No meio da sala, uma vela negra e outra vermelha. A mulher que comandava a sessão entrou num quarto escuro e se preparou para receber o exu. Veio a ordem para que todos se prostrassem em círculo ao redor das velas. Durante a concentração, ouvi passos, me virei para a porta e vi entrar alguém todo de preto. O mesmo espírito que se apresentava em meu quarto naquelas longas e terríveis noites desde a infância. Ele foi em direção ao quarto e se incorporou na mulher. Ela deu uma forte gargalhada e saiu trajando uma capa vermelha e uma coroa de ouro, com um tridente numa das mãos e um punhal na outra. O ambiente apavorava a todos, que mantinham os olhos fixos na mulher. Ela veio em minha direção e falou com voz grossa e cavernosa:

- Estou esperando você aqui desde o dia em que nasceu - apresentou-se como “Sr. Lúcio” e convidou-me para um pacto eterno, de sangue. Este pacto é “privilégio” de poucos. Entretanto, é relativamente comum em pessoas que buscam sucesso e riquezas no meio artísticos, cultural, político e empresarial. Não é fácil recusar um convite como este, mas dentro de mim sentia uma necessidade de protelar a resposta ao máximo. Apesar do adiamento, desde aquela noite passei a fazer parte do lugar **secretariando**¹ aquele espírito que se autodenominava príncipe.

Fui me dando conta de haver chegado ao cume da montanha do espiritismo: a Magia Negra, a porta mais larga e fácil rumo ao sucesso imediato, à realização financeira, à satisfação dos desejos carnis e ao poder, tão almejado pelo homem. Aqueles que a buscam, no entanto, na maioria das vezes desconhecem as conseqüências da destruição eterna que ela acarreta sobre eles próprios e seus familiares.

Certa noite, em meio a uma sessão, uma mulher veio pedir a morte de uma vizinha. O espírito que estava trabalhando, irritado, respondeu:

- Nesta eu não posso tocar!

A mulher, furiosa, insistiu: - Eu não posso suportá-la. Ela é “bíblia” e vive dizendo que eu tenho que ir para a igreja dela e além disso ela não pára de cantar, é uma fanática.

Mais uma vez o espírito retrucou indignado:

- Eu já disse que não posso com aquela mulher, ela vive de joelhos diante do seu Deus e possui um espírito terrível. Contra aquela força eu não posso.

Em razão disso, deduzi que os “bíblias” eram os maiores feiticeiros.

Em outra sessão um homem veio encomendar a morte de seu sócio. Não é comum o espírito questionar a morte de ninguém, mas naquela noite ele o fez:

- Você quer matar uma pessoa que tem parte igual no negócio?

O outro, em sua ganância, argumentou: - Sim, ele não tem família e quero ser dono sozinho.

A entidade que estava trabalhando era o Sr. Lúcio, que deu o veredito:

- A mim é que não importa. Pagando, eu mato qualquer um!

Era eu quem estava secretariando e aquela resposta me fez refletir sobre a possibilidade de também estar incluída naquele **qualquer um**. Interiormente indagava: “Também eu, que o venho servindo há anos?”. Sete dias depois todos festejavam de forma macabra a destruição de mais uma vida. O empresário havia morrido em um trágico acidente de automóvel. O sócio estava ali, em seu carro do ano cheio de oferendas para agradecer ao Sr. Lúcio. Olhando aquilo pensei: - Nunca acreditei no inferno, mas se existir estou dentro dele.

Senti uma angústia enorme e saí decidida a nunca mais voltar. Assim que cheguei em casa, me desfiz do gongá², dos aparatos de trabalho, das saias de diversas cores, guias, patuás, imagens, etc. Minha mãe, aflita, pedia para eu não fazer isto, mas, decidida, juntei tudo em diversas bolsas e despachei num rio, como é costume no espiritismo. Quando voltei para casa minha mãe continuou a apelar desesperadamente dizendo que eu não poderia largar tudo, pois havia nascido para isso. Permaneci firme no meu propósito e pensava que agindo assim ficaria livre daqueles espíritos. Mas logo que entrei em meu quarto “ele” chegou, chutando a porta, todo vestido de negro.

- Se pensa que vai me deixar assim, está enganada. Ninguém que me pertence me deixa assim. Eu sou o Diabo, sou Lúcifer, meu nome é Satanás. Se tentar me deixar, levo-a agora para o inferno.

Tentei lutar e dizer que não queria mais voltar. Pensava que os poderes mentais que eu utilizava eram meus. Entretanto o espírito se apoderou de meu corpo e eu perdi completamente o domínio. Sentia meu corpo se contorcendo como num ataque epilético. Tentava dizer que não queria mais voltar a fazer o mal e me lembrei das muitas mortes, dos lares destruídos, das vidas derrotadas e tantas outras maldades de que participei. Mas nada adiantava porque o espírito me dominava completamente.

Ele me agarrou pelo pescoço e me arrancou do meu corpo. A partir daí compreendi que o inferno era real e eu estava a caminho dele. Logo eu, que nunca acreditara em inferno e diabo (achava que inferno era a vida das pessoas pobres), tinha agora a prova cabal da existência de ambos, ao mesmo tempo em que entendia como estava escravizada... Ele foi me puxando por um túnel escuro, escorregadio, tenebroso como um grande abismo, através do qual eu mergulhava numa realidade eterna na qual até então não acreditava. Ele me puxava pelo pescoço e gritava: - Vou levá-la agora! - em certo momento, ele parou e disse: - Olhe lá o seu corpo. Amanhã ele irá para o cemitério e sua alma estará eternamente comigo - eu podia ver meu cadáver estirado em cima da cama e já sentia as indizíveis angústias do inferno se apoderando de mim. Subitamente, numa fração de segundos, um nome veio à minha mente: DEUS! Com o restante de minha força, supliquei: - Se existir um Deus mais poderoso do que Lúcifer, salve-me agora e eu serei sua escrava!

Vi numa fração de segundos quando uma bola de fogo caiu do céu sobre mim. Era como um cometa, enchendo-me de uma nova força, desconhecida! O Deus que jamais desampara aquele que o busca, ainda que sejam suicidas, viciados, feiticeiros, prostitutas, homossexuais, miseráveis, enviou dos céus o seu socorro para mim. Aquela figura que instantes atrás me controlava, agora tinha caído pesadamente sobre a terra. Queria pisar e esmagar a cabeça dele e saí para fazê-lo, dizendo "sou mais forte que você". Ele, recuperando-se em um salto, correu e disse: - Não pude levá-la agora mas alguém vai morrer por esta causa. Você me paga!

Sete dias depois, minha filha - que em minha ignorância oferecera a Iemanjá - morreu. Não posso esquecer o assombro dos médicos diante

da menina saudável, agora morta sem nenhum motivo aparente. Seu olhar inquiridor me atravessava como um punhal enquanto perguntavam: - Mãe, o que você fez para esta criança morrer assim? - eu não podia responder. Eu a consagrar a Iemanjá e agora me dava conta de que esta também fazia parte do principado de Lúcifer.

No espaço de um mês toda minha família sofreu conseqüências. Certo dia, voltando de meu trabalho fui informada de que minha mãe havia sofrido uma crise de hemoptise³ e estava tuberculosa. Este foi o pior golpe. Eu estava em meu quarto e o invoquei. Ele apareceu, escarnecendo: - Viu? Comigo ninguém pode! Fiz tudo isso com sua família e agora vou destruir você também.

Supliquei que não tocasse na minha mãe e ele ofereceu uma terrível troca:

- É a vida dela pela sua. Tantas vezes pedi seu sangue e você não me deu. Agora quero que se jogue debaixo de um trem. Quero seu sangue, seu corpo e sua alma. Eu a levarei para o inferno comigo!

III

Esta foi a trajetória que me levou àquela noite de 30 de setembro de 1969; ao que tudo indicava, a última de minha vida. Perto da meia-noite, com todos os bilhetes de despedida escritos, tudo estava pronto para obedecer ao príncipe Lúcio, o único que conhecia até então. Junto dos bilhetes deixei o dinheiro para as despesas de meu enterro. Permaneci recostada esperando o relógio tocar às cinco da manhã, horário em que me preparava para sair rumo ao trabalho. Em breve estaria saindo para me jogar de um viaduto.

Já fazia 15 anos que minha vida era dedicada ao espiritismo. Quanto sofrimento, mentira e ódio. Uma feiticeira servindo a um senhor escuro e tenebroso. Por meio dele aprendi a matar, roubar e destruir. Nada e ninguém me importava. Tornei-me alcoólatra e perdi todo o propósito de viver. A ovelha negra da família. No decorrer destes pensamentos sentia agulhadas na alma. De repente, me veio à mente aquele nome: Deus. Seria uma verdade ou apenas fábula de religiosos? Neste instante, ouvi uma voz suave e audível que falava: - E se eu lhe disser que Deus existe? - no primeiro momento reagi violentamente. Deixei transparecer todo o meu ódio, minha revolta, respondendo:

- Se Deus existisse não haveria tantas guerras, tanta pobreza, miséria e violência.

Pela segunda vez aquela voz disse:

- E se eu lhe disser que existe um Deus Todo Poderoso?

Bastante assustada e consciente de toda a minha maldade, do pecado e de tudo que havia praticado de mal, respondi debilmente:

- Se existe um Deus certamente ele não quer saber de pessoas do meu tipo.

Em seguida, aquela voz insistiu:

- Há um Deus Todo Poderoso e que a ama assim como és!

Neste momento, eu só conseguia chorar e chorar muito. Esta foi a maior e mais inesquecível declaração de amor que ouvi em toda minha

vida. Pensei “que bom se este Deus me livrasse da morte e do inferno”. Tapei os olhos com as mãos e no escuro vi uma luz fortíssima e maravilhosa. Verdadeiramente a promessa das Escrituras, registrada no livro de Isaías, se cumpria: “o povo que andava na escuridão viu uma forte luz; a luz brilhou sobre os que viviam nas trevas”.⁴ Queria olhar para a luz mas ela me cegava. Era muito clara, mais brilhante do que o sol ao meio dia. Contudo, consegui distinguir no meio da luz um grande trono branco e havia nele alguém assentado. Tentei caminhar até ele mas caí pesadamente por terra, enquanto os guias, orixás e todas as entidades que governavam o meu corpo iam se incorporando um após o outro. Arrastava-me como uma serpente. Ouvia sair de minha boca, grunhidos, palavrões, insultos e blasfêmias contra aquela pessoa sentada no trono. Fui possuída por demônios, espíritos inimigos daquele que estava se aproximando de mim. Chorando interiormente, questionei:

- Deus, por que o Senhor permitiu que eu nascesse? Para fazer e receber o mal e agora ser levada ao inferno? Eu sofri na terra mais que teu filho!

Falava como uma louca, mas Deus provou neste instante a grandeza do seu amor, tirando-me do chão e conduzindo-me a um lugar onde contemplei a cena que mudou todos os rumos futuros de minha vida.

Me vi andando por uma rua estreita, de barro. As casas eram feitas de pedras. Alguma coisa anormal acontecia ali. As pessoas trajavam túnicas longas e andavam apressadamente em direção a uma grande praça. Corri também na mesma direção que os outros, mas na verdade não entendia bem se estava vivendo aquela cena ou se havia morrido. Porém, já não sentia medo.

Enquanto caminhava, pude ver de longe um prédio com altas colunas, parecido com um palácio de justiça. Em frente a ele, milhares de pessoas se aglomeravam e gritavam freneticamente levantando os punhos. Cheguei o mais perto que pude. Alguém estava sendo julgado por um homem. À minha frente via muitos soldados, trajados como os romanos da Idade Antiga, formando um cordão de isolamento. O homem que julgava apontou para o jovem amarrado numa das colunas e perguntou:

- Que farei de Jesus de Nazaré?

Esforcei-me para vê-lo mas seus cabelos cobriam o rosto levemente inclinado e os muitos soldados ao redor impediam uma visão melhor. Após ouvir a pergunta, a multidão começou a gritar:

- Crucifique, crucifique!

Para minha surpresa, me vi gritando a mesma coisa e ao olhar em redor para ver quem mais fazia parte daquela cena, reconheci todos os meus amigos de farra, de macumba, candomblé, espiritismo, rodas de samba, terreiros, bailes, bebedices, além de pessoas de todos os tipos, raças, povos e nações. Eu não compreendia nada.

Queria enxergar o homem que estava sendo julgado mas só consegui ver que ele usava uma roupa comprida e muito branca. Novamente o juiz indagou: - Que farei de Jesus de Nazaré? - ao que todos nós, de punhos cerrados, respondíamos: - Crucifique, crucifique! - aquele homem lavou as mãos e entregou o acusado aos soldados, que o levaram para dentro do prédio. Eles desceram as roupas brancas do réu até a cintura e o amarraram a uma coluna do interior do pátio. Um soldado ergueu o chicote, feito com vários fios de couro e um pedaço de metal na ponta de cada fio. Começaram a golpeá-lo. A cada golpe abriam-se profundo sulcos rasgando sua carne e o sangue escorria abundantemente. A multidão aplaudia, gritava, assobiava, divertindo-se com aquele espetáculo. O único a permanecer em silêncio, de olhos fechados, era o próprio jovem sofredor. Seu corpo estremecia pela dureza dos golpes, uma indescritível expressão de dor transtornava seu rosto mas seus lábios se moviam silenciosamente. Ele estava orando!

Nunca antes ouvira falar sobre este Homem-Deus. Jamais conheci a Bíblia, onde estes fatos são relatados. Nunca me haviam falado de Jesus, mas eu conheci através de sua própria, indecifrável e singular revelação de amor. Não acreditava nele, da mesma forma que descrevia do inferno e do diabo, ao qual no entanto, servia por ignorância, até que ele mesmo se revelou para mim.

Passaram-se algumas horas e aqueles soldados afastaram-se, depois de entregar o réu à turba enfurecida. A multidão continuava a gritar, assobiar e zombar daquele homem, cuspiendo no seu rosto, batendo e esmurrando. O sangue do seu nariz e boca escorriam. Havia hematomas nos olhos. Eu assistia petrificada àquela covardia. Muitas pessoas se revezavam nos golpes.

Os soldados retornaram, trazendo sobre uma almofada uma coroa feita de espinhos. Ergueram com brutalidade a cabeça daquele homem e debaixo de aplausos cravaram-lhe a coroa na cabeça, forçando-a com um pedaço de pau. Seu rosto se encolheu num gesto de dor, que o fez apertar com força os olhos e os lábios. O sangue jorrava pelas têmporas, transformando o corpo em uma massa ferida e ensangüentada. Ele era uma ferida só. Não suportando mais a cena, comecei a gritar:

- Parem, parem. Não façam isto. Este é o Filho de Deus. Ele não merece tal sofrimento. Eu sim, que sou uma feiticeira e miserável suicida.

Todos olharam para mim, admirados. Não sei de onde retirei estas afirmações, pois nunca havia conhecido o Evangelho ou acreditado em Jesus. Ele também voltou os olhos para mim pela primeira vez no decorrer daquela cena e me olhou diretamente nos olhos. Cheguei a pensar que estava com ódio de mim, mas foi totalmente o contrário. Em toda minha vida nunca vi um olhar tão cheio de amor, de bondade, compaixão e misericórdia como o olhar de Jesus de Nazaré. Por instantes nossos olhares fixaram-se e ele falou:

- Não, minha filha Vilma. Ninguém suportaria tal sofrimento - ele apontava seu corpo dilacerado e ensangüentado, enquanto sua voz dulcíssima prosseguia, em meio às lágrimas que jorravam pela minha face: - Somente eu o fiz por amor de ti, para salvar e libertar tua vida.

Não compreendia como alguém podia amar tanto, sofrer e morrer por uma pecadora, ovelha negra da família, como eu. Entretanto, minha alma foi invadida por um gozo indescritível e entendi que Jesus é uma pessoa real. Ali estava ele, todo ensangüentado, a viva expressão do sofrimento, mas real e tratando-me como filha. Estendi minhas mãos para ele, mas o despertador retiniu, avisando-me sobre a hora em que deveria me suicidar, realizando assim a ordem do príncipe das trevas.

Caí de joelhos e chorei, amargamente arrependida. Minha alma desabafava o peso do pecado e ao mesmo tempo uma grande paz enchia meu ser. Me dirigi ao Deus que até poucos instantes era ignorado por mim, orando:

- Ó Deus, toda minha vida está destruída, mas reconheço minha maldade. Creio agora que teu filho sofreu e morreu por mim. Por isso quero entregar totalmente minha vida nas tuas mãos para que faças dela o que tu quiseres.

Hoje, pela graça de Deus, sou uma testemunha viva do Evangelho e do grande poder de Jesus Cristo. Ele tem toda força. Todo Poder e amor pelas almas perdidas. Ele pode perfeitamente salvar, curar e libertar o mais miserável ser humano, como diz o evangelho de João: **“e conhecerão a verdade e a verdade os libertará. Se o filho os libertar vocês serão de fato livres” (João 8:32 e 36).**

Ele veio em minha vida e foi como uma fonte que brotou no meio de um deserto. Desde aquela sublime manhã, nunca mais os demônios se apoderaram do meu corpo. Desde aquele profundo olhar eu fui salva e liberta, recebendo a paz que tanto procurei. O Senhor Jesus salvou meus pais, curou minha mãe e assim fomos todos feitos filhos de Deus.

Após ter feito minha primeira oração com lágrimas de gratidão a Deus, caminhei até a cozinha, onde estava minha mãe tossindo forte. Ela preparava o café. Eu podia sentir algo glorioso no ar. Logo me dirigi a ela:

- Mãe, Deus existe, eu o encontrei! Jesus sofreu e morreu por mim.

Acho que este foi o maior sermão da minha vida. Minha mãe reagiu com espanto: - Você está ficando louca? - porém espanto maior ainda foi ver sua cura repentina. Quinze dias depois, uma nova radiografia atestou o desaparecimento de qualquer vestígio da tuberculose. Ela não atribuiu sua cura a nenhum milagre de Deus, mas eu sabia que esta era a explicação.

Naquela manhã, saí para mais um dia de trabalho, totalmente livre das garras de Lúcio e da idéia de suicídio. Como estava lindo aquele dia! O céu me parecia de uma beleza jamais vista, possuía um azul diferente. A beleza dos montes me encantava. Algo me dizia que tudo aquilo era obra das mãos de Deus, o mesmo Deus que se apresentou a mim pessoalmente. Sentia vontade de cantar, dançar, contar para todos sobre a transformação que eu estava experimentando. Posso fazer minhas as palavras do salmista Davi: **“Tirou-me de um cova perigosa, de um poço de lama. Ele me pôs seguro em cima de uma rocha e firmou os meus passos. Ele me ensinou a cantar uma nova canção, um hino de louvor ao nosso Deus. Quando virem isso, muitos temerão ao Deus Eterno e aprenderão a confiar nele”.** (Salmo 40:2,3).

Não podia imaginar por quantos processos teria ainda que passar até conhecer profundamente o “caminho estreito”⁵ porém glorioso.

IV

Como já disse, nunca recebera explicações sobre Deus, Jesus e o Evangelho. Logo, passei a viver de acordo com o que eu via as pessoas fazerem. Comecei a dar esmolas, ajudar aos pobres e buscar formas de agradar a Deus. Sei que Deus contemplava meu coração sincero. Contudo o plano dele para minha vida era muito superior. Aprendi a amar e respeitar a Deus através de Jesus Cristo. Como uma recém-nascida na fé, alimentava-me das descobertas que eu mesma ia fazendo. Entrei num novo estilo de vida, pois encontrara a razão de viver. Meu objetivo agora era agradar a Deus. Queria retribuir o seu inexplicável amor por mim, precisava servi-lo, oferecer e dedicar a Ele tudo que eu era, fazia e possuía; tinha a necessidade de demonstrar minha gratidão, afinal encontrara a paz e o amor tão desejados, o amigo fiel em quem podia confiar. Porém na minha falta de conhecimento achei que a melhor maneira de agradá-lo seria entrar para um convento. Após diversas tentativas fui recebida por uma madre superiora. Conteí minha experiência e meu desejo de me dedicar a Deus, mas ela me garantiu que eu jamais seria aceita num convento, porque fui casada e tinha me “contaminado” com homem. A resposta me frustrou, mas o entusiasmo era tanto que insisti, querendo saber de que outra forma poderia agradar a Deus. Ela então me deu a alternativa de assistir gratuitamente a um orfanato, pois ajudando as crianças eu estaria agradando a Deus.

Procurei um orfanato e fui recebida por uma freira, a qual friamente me respondeu que não estava precisando de ninguém. Tentei argumentar, mas ela recusou minha ajuda com rispidez. Minha frustração aumentou por achar que era muito difícil servir a Deus. Todavia este desejo era enorme e não saía do meu coração. A princípio ficava abalada, porém logo algo me impulsionava a prosseguir. Continuei dando esmolas e ajudando a todos que eu podia, fazendo tudo que entendia como agradável a Deus. Isto incluía oferecer para ele as músicas das quais gostava, umas populares, outras clássicas; vivia cantando e, certa vez, ao entrar no refeitório do meu trabalho, cantarolando e cheia de alegria, uma colega comentou:

- Está feliz, hein?

Expliquei que o motivo de minha alegria era Jesus e ela deu uma gargalhada:

- Não vê que Deus não vai aceitar nada de pessoas como você? Ele tem suas próprias músicas.

Fiquei muito sentida com aquelas palavras. Foi decepcionante descobrir posteriormente que aquela moça era evangélica. Ela poderia ter sido um instrumento de Deus para me guiar ao perfeito conhecimento da verdade, quando estava no início da caminhada cristã. Mas, ao contrário, não compreendendo minha falta de entendimento, quase me destruiu. Nunca falou de Jesus para mim e suas palavras vieram como setas envenenadas rumo ao coração. Satanás começou a me provocar:

- Estúpida! Pensa que depois de tanto pecar agora pode cantar essas besteiras e ainda achar que Deus vai dar atenção?

Minha mente, estimulada pelo Acusador lembrou todos os meus pecados. Sentia um misto de vergonha e amargura por haver pecado tanto ao ponto de ser desprezada até por Deus. Afinal, aquela jovem tinha me dito claramente que ela sim, servia a Deus, sabia do que ele gostava e certamente não era “deste cantorzinho mundano”.

Voltei ao buraco negro da depressão e de uma forma muito pior, porque havia posto em Jesus minha última esperança. Fui rejeitada no convento e no orfanato e agora a única maneira que tinha encontrado de agradar a Deus também fora desprezada. Como aquela tarde demorou a passar! Comecei a achar que as pessoas passavam por mim pensando: “Olha a pecadora querendo cantar para Deus!”.

No caminho de casa, passando em frente ao bar, Satanás me aconselhou: - Entre, tome um gole, compre uns cigarros. Você está tão infeliz! - relutei, porque desde que Jesus tinha olhado para mim, passei a sentir repugnância por essas coisas. Corri para casa, fui para o meu quarto, sentei em minha cama consciente, quando senti meu corpo escorregar. Tentei tatear e me segurar em alguma coisa, mas não havia nada. Apenas um grande e escorregadio abismo de trevas no qual eu ia caindo num lodo. Não queria mais aquilo e de tanto lutar contra aquela queda senti um profundo cansaço. Gemi.

- Ó Deus, não suporto mais as trevas... não quero mais... mostra-me tua luz!

Parei de cair e pude mais uma vez contemplar aquela luz, que vinha do alto, fortíssima, envolvendo-me numa agradável temperatura. Quis olhar na direção dela e não consegui. Porém pude escutar uma maravilhosa voz, firme e suave, dizendo:

- Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.

Nunca escutara estas palavras e não entendi claramente seu significado. Imaginei que um “guia de luz” estava se comunicando comigo.

- Qual o seu nome?

- Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Continuei sem entender e repeti a pergunta, recebendo a mesma resposta. Mudei a forma de perguntar:

- Em que terreiro posso encontrá-lo?

- Examine as Escrituras. Você vai me encontrar nelas.

- Escrituras? O que é isso?

- Procure-me na igreja dos bíblias. Você vai me encontrar lá. Tenho uma grande obra para fazer com você.

- Obra? Nunca trabalhei em obra. Meu pai já foi pedreiro mas eu não sei nada sobre isso.

A voz despediu-se insistindo:

- Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Procure-me na igreja dos bíblias. Falarei com você lá.

Fiquei pensando, tentando descobrir que espírito era aquele. No outro dia, cedo, perguntei à minha mãe qual dos “guias” declarou ser o caminho, a verdade e a vida, pois queria servi-lo. Ela nunca tinha ouvido falar neste “caminho”. Assim, fui para o trabalho com a mesma dúvida.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, Eu sou o caminho, a verdade e a vida...” Durante uma semana estas palavras martelaram

minha cabeça até que lembrei de um fato ocorrido poucos anos antes, quando saía com um bando de colegas desordeiras lideradas por mim. Batíamos nas portas das casas, tocávamos a campainha, apedrejávamos os telhados. Nisso, chegamos a uma casa humilde, de porta aberta. Havia um grupo de pessoas ajoelhadas que gritavam em alta voz. Entramos e começamos a gritar também. Elas começaram a correr um homem deu a volta por trás da casa para nos surpreender pela entrada. Todas as amigas escaparam, menos eu. O homem me pegou pelo braço e pensei que ia me bater. No lugar disso ele gentilmente me convidou para assistir à reunião. A casa era um igreja evangélica e aquele era o pastor. Envergonhada de minha atitude, fiquei observando o ambiente. Pairava uma paz sobre o lugar. Havia quadros na parede e um deles me chamou a atenção. Estava escrito ***Eu sou o caminho, a verdade e a vida.***

Agora Deus me fazia recordar aquele episódio. Precisava voltar ali, pois certamente me explicariam o significado da frase e me diriam quem era o autor. Fui até lá. A igreja não estava aberta mas à noite haveria uma reunião para a qual me convidaram.

Passei horas escolhendo uma roupa, pensando que o lugar era como um clube. Acabei chegando atrasada, com uma roupa extravagante. Quando vi as pessoas vestidas com muita simplicidade, sem nenhuma maquiagem, fiquei indagando se estavam desgostosas com a vida. Olhando melhor, notei que no rosto de cada uma havia paz. Gostei disso e passe a sentir uma estranha sensação. Tentava compreender o lugar, as roupas e os costumes daquela gente.

O mesmo homem que havia me segurado pelo braço anos antes tomou um livro preto nas mãos e anunciou que iriam fazer a leitura oficial da noite: Mateus 11:28, palavras de Jesus: ***Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.*** Quase desmaiei de susto. Em seguida o pastor pediu que abrissem outro texto, que serviria de base para a meditação, localizado no evangelho de João, capítulo 14, versículo 6: Disse Jesus: ***Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*** Não pude conter as lágrimas. Jesus estava tentando se comunicar comigo. Os olhos do meu entendimento começavam a se abrir e os acontecimentos iam fazendo sentido. Eram palavras de Jesus; aquela bola de fogo, aquela força que veio e não deixou Satanás me destruir completamente naquela noite... o olhar de Jesus... que alegria!

Durante a reunião, as mulheres, entre lágrimas, falavam em outro idioma⁶ e clamavam por um nome de mulher:

- Ó Glória! Glória a Deus!

Elas estavam glorificando a Deus. Eu não entendia isso e olhava para a porta, pensando que entraria uma mulher chamada Glória Deus, que julguei ser alguém muito importante para elas. Ninguém me notava. Mesmo usando mini-saia os homens não olhavam para mim. Somente choravam, chamando também a tal Glória Deus. Enquanto isso, o pregador falava coisas profundas sobre o meu passado, coisas que ninguém mais sabia. Fiquei alarmada. Nunca estive num lugar como aquele. Lágrimas começaram a correr de meus olhos, após descobrir que fora Jesus quem falara comigo em meu quarto. Olhei ao redor para ver como as outras pessoas reagiam, mas elas estavam com os olhos fechados e oravam enquanto o pastor tornava pública minha vida.

Ele falava acerca da infelicidade do ser humano sem Deus. Mas Satanás, sem perder tempo, entrou em cena e sentou-se ao meu lado.

- Deixe de ser idiota. Este homem está falando de sua vida em público. Não vê que ele quer envergonhar você? E essas mulheres horríveis? Este ambiente não é o seu. Saia, levante. Xingue todos e vá embora.

Esperei uma oportunidade e saí dali correndo. Mas Deus não desistiu. Para onde eu ia, aquelas palavras me “seguiram”: Disse Jesus: ***Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*** Quando lembrava que Jesus, filho do Deus Altíssimo havia falado pessoalmente com uma pecadora como eu, não conseguia conter as lágrimas. Na semana seguinte voltei à igreja. Novamente senti aquele ambiente de paz, as pessoas cantavam alegres e aquilo me contagiou. Novamente o pastor - posteriormente vim a saber que se chamava Milton Bengaly - abriu o livro preto: ***“Hoje estou deixando que vocês escolham entre o bem e o mal, entre a vida e a morte. Se vocês obedecerem aos mandamentos do Eterno, o nosso Deus, que hoje eu estou dando a vocês, e o amarem e andarem no caminho que ele mostra e cumprirem todas as suas leis e todos os seus mandamentos, vocês viverão muito tempo na terra que vão invadir e que vai ser de vocês. E Deus os abençoará e lhes dará muitos descendentes. Porém eu lhes afirmo hoje mesmo que, se abandonarem a Deus e não quiserem obedecer e se caírem na tentação de adorar e servir outros deuses, neste caso vocês serão completamente destruídos e não viverão muito tempo na terra que estão para possuir no outro lado do rio Jordão. Neste dia chamo o céu e a terra como testemunhas contra vocês. Eu lhes dou a oportunidade de escolherem entre a vida e a morte, entre a bênção e a maldição. Escolham a vida, para que vocês e os seus descendentes vivam muitos anos. Amem o Eterno, o nosso***

Deus, obedçam ao que ele manda e fiquem ligados com ele. Assim vocês continuarão a viver e viverão muitos anos na terra que o Deus Eterno jurou que daria aos nossos antepassados Abraão, Isaque e Jacó.”⁷

Logo após a leitura do livro, ele o apresentou como sendo as Escrituras. Aquele era o livro do qual Deus havia me falado e que tanto buscava descobrir! Ele disse ainda que as Escrituras são a palavra de Deus, palavra que ele tinha para me entregar aquela noite. Rios de lágrimas começaram a correr pelo meu rosto e pude compreender tudo. O Deus Todo-Poderoso me amava, me aceitava do jeito que eu era e estava me chamando através daquelas palavras. Ele estava me fazendo uma proposta de vida, quando já havia recebido tantas outras para a morte. As palavras saíam dos lábios daquele pregador como fogo e queimavam o meu coração. Ele começou a descrever minha vida na área espiritual. Falou sobre o plano de Satanás para me destruir e sobre o plano perfeito de salvação de Deus para mim. Aquelas palavras bombardeavam minha alma. Penetravam em meus ouvidos e chegavam ao coração. Chorava muito. Entretanto via novos horizontes se abrindo no meu entendimento. Interiormente comecei a manifestar o desejo de querer o Deus acima de todas as coisas. Olhei ao redor e senti um amor incrível por toda aquela gente.

O homem parou de falar e pediu a todos que orassem para que Satanás não impedisse a operação de vida que Deus queria fazer numa pessoa ali presente. Percebi então que muitos começaram a orar e a falar aquele estranho idioma. Ao ficar de pé, Satanás, furioso, falou ao meu ouvido:

- Saia depressa desse lugar, senão vai ficar como estas mulheres horríveis. Estas pessoas fazem você chorar. Você não está bem aqui.

Eu tentava responder e dizer que ao contrário, eu me sentia bem, o ambiente era saudável, um refrigerio para minha alma. Porém Satanás insistia: - Saia depressa, este não é o seu lugar! - já ia saindo quando uma jovem, proferindo palavras naquele idioma estranho, caminhou de olhos fechados até a porta, abriu os braços e fechou o caminho. Parei, indecisa. O diabo sugeriu que eu lhe desse um soco. Cerrei o punho, disposta a acatar a sugestão, mas minha mão não conseguiu atingir o rosto daquela jovem. Algo como uma parede invisível a protegia. Tentei outra vez e aconteceu o mesmo. De repente ouvi todos ali dizerem “AMÉM”. Permaneci pateticamente parada no meio da igreja. O dirigente daquela reunião apontou para mim e disse com autoridade:

- Jovem, o Senhor Jesus Cristo a trouxe aqui esta noite porque ele tem uma grande obra a realizar através da sua vida.

Obra? Novamente esta palavra sem sentido.

- Deus irá usá-la para ganhar almas, orar pelos enfermos e oprimidos. Não saia daqui esta noite sem antes fazer uma decisão pública por Jesus. Aceite-o como seu salvador e saiba que se assim não o fizer, Satanás está à espera lá fora para destruí-la. Olhei para fora e lá pude de fato vê-lo, no meio da rua, todo de preto e desesperado, acenando para que eu saísse. Dentro de mim havia uma tremenda batalha. A igreja começou a cantar um hino:

Ao findar o labor desta vida

Quando a morte a teu lado chegar

Que destino há de ter a tua alma

Qual será no futuro o teu lar?

Meu amigo, hoje tu tens a escolha

Vida ou morte, qual vais aceitar?

Amanhã pode ser muito tarde

Hoje Cristo quer te libertar

Em meu interior questionava: “para que levantar as mãos, se eu já creio em Jesus?”. Hoje sei que Jesus disse: ***“A todos os que afirmarem publicamente que são meus, eu farei o mesmo por eles diante do meu Pai que está no céu”***.⁸

Tentei levantar as mão mas elas pesavam como chumbo. Todos oravam fervorosamente. A jovem a quem eu tinha tentado agredir aproximou-se oferecendo ajuda. Constrangida, aceitei e quando ela tocou minhas mãos elas ficaram livres. Levantei-as e minha alma cansada e oprimida finalmente se rendeu publicamente ao bendito e

verdadeiro Deus, Todo-Poderoso, Criador dos céus, da terra e tudo que neles há.

Quando levantei a primeira mão, pensei: - Uma é pouco para Deus - levantei as duas, mas sentindo que ainda não estava bom, dobrei os joelhos. Isto não me pareceu suficiente e então me curvei prostrada até o chão diante dele. Neste instante, Jesus dominou completamente minha vida. Foi feita uma oração e no seu final as senhoras me abraçaram e pude sentir um grande amor da parte delas. Todos me saudavam com um “bem-vinda ao reino dos céus”. Uma senhora meiga, esposa do pastor, carinhosamente me ofereceu um livro. Um tanto desajeitada e constrangida perguntei a ela sobre a tal “Escrituras”. Sorrindo, ela apontou para o livro que estava em minhas mãos e disse: - É esse que eu acabei de dar a você. É a Bíblia Sagrada, que contém a palavra viva de Deus. Nela estão os evangelhos, que contam sobre a vida e o ministério de Jesus.

Saí daquele lugar radiante de felicidade. Tinha a sensação de estar carregando muitos brilhantes em minhas mãos. Ria e chorava ao mesmo tempo, abraçada àquele tesouro. Assim eu voltava para casa com a vida totalmente nova.

V

Minha vida continuou a ser transformada em todos os aspectos. Meu ex-marido (pai de minha filhinha que havia morrido) costumava me procurar e algum tempo depois da minha conversão, voltou a fazê-lo. Expliquei a ele sobre minha nova vida e ele aceitou ir à igreja, onde também encontrou a salvação, o que tornou possível a reconstrução do nosso casamento.

Todas estas transformações pareciam estar causando efeitos negativos em minha mãe. Revoltada com minha escolha, ela começou a se envolver cada dia mais com o espiritismo, por acreditar que a minha escolha era responsável por todo mal que viesse a acontecer com a família. Acabou trocando o candomblé pela magia negra, tal como eu fizera no passado.

Certa vez, ela chegou a afirmar que preferia a morte a ser crente, mas graças à grande misericórdia de Deus ela foi alcançada a tempo e poupada da condenação por suas próprias palavras, de acordo com o que está escrito no capítulo 12, versículos 36 e 37 do evangelho de Mateus: ***Eu afirmo que no Dia do Juízo cada um vai prestar contas de toda palavra inútil que falou. Porque as suas palavras vão servir para julgar se você é inocente ou culpado.***

Seu encontro com Deus deu-se através de um novo problema de saúde. Ela contraiu uma pneumonia, o que era gravíssimo, devido à sua tuberculose anterior. Buscamos uma internação, mas não foi possível. Logo, esperávamos pelo pior. Contudo, ela mesma suplicou, desesperada, que eu pedisse a Jesus para curá-la. Não perdi tempo:

- Mãe, se você for curada aceitará a Jesus como seu salvador pessoal?

- Sim, minha filha.

Orei por ela e saí, acreditando que Deus faria o restante. No dia seguinte, bem cedo, ela chegou em minha casa e me saudou, ante meu olhar arregalado de surpresa:

- Irmã Vilma! A paz do Senhor! - contou-me que logo após minha saída ela sentira que algo diferente estava acontecendo e amanheceu completamente restabelecida. Bendito seja o grande Deus!

Meu pai, que tinha o coração endurecido pelo ateísmo, também foi liberto e salvo, numa ocasião da qual me lembro como se fosse hoje. Foi numa véspera de Natal e naquele ano ele estava sem dinheiro, ou seja, abandonado pelo deus dele. Ele sempre gostou de dar presentes para os filhos mas desta vez não podia. Quando fui visitá-lo ele mostrou os bolsos vazios.

- Minha filha, este ano papai não pode dar nada a você.

- Papai, você gostaria de me dar um presente mais precioso do que um anel de brilhantes?

Como ele afirmou que sim, convidei-o para me acompanhar ao culto de Natal e ele foi, para me fazer feliz. Havia uma apresentação de crianças e fiquei preocupada com isso, porque queria que naquela noite estivesse presente o melhor pregador do mundo para que o coração duro de meu pai fosse tocado através dele. De vez em quando olhava para meu pai e o encontrava assistindo a tudo com muita seriedade e atenção. De fato, os pensamentos de Deus não são como os nossos e tampouco seus caminhos iguais aos nossos.⁹ A Bíblia declara: “**Deus ensinou as crianças e as criancinhas a oferecerem o louvor perfeito**”.¹⁰ No final da reunião o dirigente saudou o meu pai e o convidou a aceitar Jesus como salvador. Fechei os olhos para não ver a reação dele, mas ao ouvir alguns “aleluias”¹¹, olhei e o vi com as duas mãos levantadas. Meu pai partiu para a eternidade olhando firme para Jesus. Foi acometido de uma diabete que durou quatro anos. Chegou a perder uma das pernas, mas nunca murmurou nem blasfemou por causa desta situação. Sempre que alguém o interrogava recebia a seguinte resposta:

- Deus sabe o que faz. O importante é a minha alma estar salva e é melhor entrar no Reino de Deus com um perna do que com as duas ser lançado no Inferno.

Antes de morrer ele me aconselhou: - Filha, nunca deixe este Deus maravilhoso que nos salvou - glorifico a Deus pela salvação de meu pai e por ter visto a alegria e segurança dele nos últimos dias.

Por causa das grandes motivações do início de minha trajetória cristã, o desejo de servir a Deus e agradá-lo crescia mais e mais. Ele mesmo, meu Rei, Senhor e Amigo, foi me encaminhando para servi-lo nos lugares certos, no centro de sua vontade perfeita.

Certo dia veio em minha igreja um missionário chamado Paulo Roberto. Ele relatou sua conversão e seu ministério entre os índios e no final da reunião fez um apelo missionário, chamando à frente quem sentisse o seu coração tocado para servir a Deus da mesma forma. Meu coração ardia e eu pensava que se era possível ter aquele privilégio, então eu o queria. O missionário continuava: - Quem aqui se sente motivado a dar sua vida por esta causa? - levantei imediatamente e saí depressa em direção ao púlpito onde ele estava falando. Pensava que o primeiro a chegar seria escolhido. Esperei um pouco e olhei para trás, para ver quantas pessoas estavam comigo, mas só havia eu. Aquele jovem olhou admirado para mim e disse:

- Irmã, esteja preparada, porque no tempo certo Jesus vai enviá-la por lugares que nunca imaginou pisar.

Ao longo dos anos esta palavra se cumpriu e Deus me concedeu oportunidades que eram impossíveis para mim. Visitei diversas cidades e estados diferentes e também países estrangeiros. Saí por toda parte anunciando as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Vi muitas almas se renderem aos pés do Senhor Jesus e através de algumas delas minha fé foi estimulada e firmada.

Uma ocasião que jamais esquecerei foi uma certa tarde muitos anos depois de minha entrega a Jesus, quando nós já tínhamos três dos nossos cinco filhos. Fomos descansar depois do almoço, quando ouvi nitidamente uma voz dizer: - Levante-se e vá para São Paulo! - a princípio achei que era coisa de meu pensamento, mas ao tentar pegar no sono outra vez ouvi com clareza a mesma coisa. Levantei-me e fui até a sala, pensando que alguém estava fazendo uma brincadeira. Não havia ninguém. Voltei para a cama e mais uma vez aquela voz ordenava que eu me levantasse. Então cedi. Todavia, para dar segmento àquele chamado precisaria vencer algumas barreiras. A primeira e maior delas era meu marido estar de folga naquela ocasião. Perguntei a ele se estaria disposto a ir comigo para São Paulo, pois Deus me ordenara que o fizesse. Ele disse que sim, porém não tinha dinheiro. Pedi a orientação de Deus, pois a barreira maior estava vencida. Mas as passagens... Deus então mandou que fôssemos para a Rodoviária e assim fizemos. Lá esperamos um bom tempo e nada aconteceu. Meu marido perguntava: -

Vilma, onde estão as passagens? - eu simplesmente respondia que Deus iria providenciá-las. Permanecemos ali durante umas duas horas. Finalmente, meu esposo se colocou em pé e disse: - Vamos para casa - só que neste mesmo instante um homem se aproximou dele sorrindo:

- Lourival, lembra-se de mim? - era um amigo de meu marido. Perguntou para onde estávamos indo, pois ele iria guiando um ônibus para Goiânia via São Paulo e estava com o carro vazio. Glorificamos a Deus pela providência.

Chegamos a São Paulo de noite e um novo problema se apresentava: onde dormir? Estávamos em frente a uma garagem e o gerente dali nos concedeu pousada durante aquela noite. Saímos pela manhã e paramos em frente a um ponto de ônibus. Para onde ir agora? Tinha certeza de que Deus nos guiaria. De repente um senhor se aproximou, saudou-nos com “A paz do Senhor” e perguntou se estávamos indo para a reunião de consagração da irmã Iracy. Mais que depressa respondemos que sim e fomos com ele. Ao chegar no local já podíamos sentir que o ambiente estava cheio da glória de Deus. Ficamos durante todo o dia com aqueles irmãos. Convidaram-nos para jantar com eles e em seguida irmos a um culto. Fizemos isso, mas a temperatura estava muito baixa e não tínhamos levado agasalhos. Suplicava a Deus forças para suportarmos o frio.

O pastor me chamou ao púlpito para que eu contasse minha história. Durante a preleção, aqueles irmãos, em prantos, glorificavam a Deus. Repentinamente entrou no recinto um jovem com as mãos levantadas, manifestando que aceitava a Jesus. Toda a igreja pulava e adorava a Deus falando línguas desconhecidas, porque o tal homem era dono do estabelecimento comercial que funcionava em frente à igreja e havia jurado fechá-la, porque não gostava de crentes. Mas Deus o tocara enquanto eu falava e agora ele estava ali se rendendo àquele que é o dono da chave que abre portas e ninguém fecha.

Após este feliz episódio o pastor perguntou se eu era missionária. Minha resposta foi negativa. Ele disse para mim: - O Espírito Santo¹² diz que sim e manda que você se ajoelhe, porque nós vamos impor as mãos sobre sua cabeça e consagrá-la agora. Deus nos ordena que façamos isso - ajoelhei e comece a chorar dando graças a Deus por aquele privilégio. Logo entendi o propósito que Deus tinha para esta viagem tão repentina. Em seguida aquele mesmo pastor falou que Deus estava mandando que ele tirasse uma oferta de amor para mim. O valor arrecadado foi exatamente igual a duas passagens para o Rio de Janeiro.

Enfrentei dificuldades para aceitar plenamente as obras do Espírito Santo. Para mim era um tanto confuso receber o Espírito Santo, uma vez que estive envolvida com toda espécie de espíritos malignos. De certa forma resistia, por receio de confundir as coisas. Mas Deus foi pacientemente trabalhando em meu coração porque ele tinha um glorioso ministério a realizar. O plano dele, de me encher com o Espírito Santo, não ficou para trás. Em um Encontro de Jovens, cujo tema era ***Enchei-vos do Espírito***, ouvi atentamente o pregador falar a respeito da promessa do Espírito Santo, desde o tempo dos apóstolos até os dias de hoje. No final da preleção ele convidou todos os que criam na promessa e desejavam ser cheios do Espírito a irem à frente. Corri e repeti junto do pastor aquela oração inesquecível: - Senhor, eu não mereço, mas eu preciso.

Enquanto clamava, senti minha total incapacidade de fazer a obra do Senhor. Então pedi com mais intimidade, até ouvir minha própria voz dizendo palavras desconhecidas para mim. Eu falava o mesmo idioma daquelas mulheres da igreja onde aceitei Jesus! Quando abri meus olhos, todos já haviam sentado e apenas eu permanecia de pé. Senti que a partir deste precioso momento meu ministério ficou mais completo. O Espírito Santo agora não só flui, mas transborda dentro de mim.

Amado leitor, ao publicar esta história, minha ardente expectativa e oração é que você possa encontrar o caminho, como eu encontrei, o único e verdadeiro caminho: Jesus Cristo, que pode perfeitamente salvar, curar e libertar. Não importa quão profundo seja o abismo ao qual você tenha descido; ou se a solidão já chegou a tal ponto que você pensa que é o único no mundo; Jesus é o Príncipe da Paz. Ele tem poder para lhe dar a paz que excede todo entendimento. Ou talvez você não tenha descido tanto quanto eu, mas a declaração da Bíblia, no livro de Romanos capítulo 3 versículo 23 é: ***Todos pecaram e precisam da glória de Deus.***

Hoje, dois mil anos depois, ainda se pode ouvir o ecoar da voz meiga de Jesus dizendo: - ***Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.***

Oro ardentemente para que este testemunho atinja seu coração, fazendo-o derramar-se perante o Trono da Graça. Que você seja despertado para fazer sua decisão mais importante, para que tenha vida

com abundância e eterna ao lado do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Aceite a Jesus Cristo como único Salvador da sua vida e siga este caminho estreito, porém maravilhoso, sob as bênçãos e vitórias dadas por Deus.

No amor do Príncipe Jesus, a quem consagro este livro.

Vilma L. de Souza

COMO AJUDAR ESTE MINISTÉRIO:

A missionária Vilma Laudelino de Souza autorizou a publicação do conteúdo integral de seu livro na WEB. Sua leitura e divulgação é encorajada. A reprodução (impressão, fotocópia, etc.) só é permitida para uso doméstico. Sua reprodução com fins comerciais é proibida. Os direitos autorais deste livro estão assegurados.

A missionária Vilma não tem nenhum sustento fixo em seu ministério. Seu sustento depende da venda de seus livros e ofertas voluntárias. Ao permitir a publicação gratuita de seu livro na Web, ela abriu mão de parte de seu ganho pessoal, por amor ao Reino. Portanto, nós, (ela não nos pediu isto) tomamos a liberdade de divulgar o número de conta-corrente para aqueles que desejarem apoiar este ministério que tem sido tremendamente frutífero em suas contínuas viagens pelo Brasil e Exterior.

BANCO BRADESCO

Vilma Laudelino de Souza

AGÊNCIA 0895-8 – C/C: 52586-3

Para testemunhar algo que Deus fez em sua vida ou na de algum conhecido mediante a leitura deste testemunho, ou para qualquer outro contato com a irmã Vilma, utilize-se dos meios abaixo:

E-Mail: vilma.laudelino@manaedicoes.com.br

Telefone: (0**21) 3331-0920